

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Crônica

## Um sábado com Edmundo Vasconcelos

\* Matinas Suzuki

Aconteceu no final da década de 50. Sete horas da manhã. Um sábado. Estávamos na gare da estação de Barretos, esperando a chegada do trem noturno, vindo de São Paulo. Naquele tempo, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro - que aqui chegou apenas em maio de 1909 - era um luxo: bom restaurante, conforto nos vagões de primeira classe, carros-leitos com camarotes batizados de Gilda e Marta Rocha, e o luxuoso carro Pullman, de ar refrigerado, poltronas de couro e piso acarpitado!

Era, ainda, o final dos tempos em que se pagava bilhete para entrar na plataforma da estação. A chegada ou a partida dos trens, principalmente nos fins de semana ou feriados, atraía, além dos passageiros e seus parentes, punhados de rapazes e moças, risinhos e tagarelas, todos a fim de um namoro. Ou de paquera, como se diz hoje. Até parecia festa.

Chegou o noturno, resfolegando. Fomos para a cauda do trem, onde são atrelados os vagões-dormitórios. Desceu o professor Vasconcelos, sorridente e loquaz. Trazia um auxiliar, ainda moço: Silvano Raia. Foi surpresa para mim; o protegido do professor, em meus tempos de Escola, era o Cotrim. O Carichio ficava meio de escanteio, acabou indo para o Pronto-Socorro. A trinca de ouro da Segunda Clínica Cirúrgica, Eugênio Mauro, Egon Falkenberg e Ruy Ferreira Santos, assistentes da Cadeira, acabaram dispersando, tornando-se titulares em faculdades do Interior do Estado.

Nem bem trocamos cumprimentos, veio a notícia ruim.

— Fomos roubados, disse-nos o professor.

Eram duas caixas de instrumental cirúrgico do H.C., que ele trazia para a sua demonstração cirúrgica na Santa Casa. Operação de bócio nodular em dois pacientes: um particular, outro, indigente.

A minha alegria de presidente da APM de Barretos acabou na hora. Havia suspeita de que o gatuno teria descido em Terra Roxa, naquela época, uma vila. E que servia de baldeação para Ibitiúva, outro distrito. Então, se a suspeita tivesse fundamento, o furto teria corrido pelas três horas da madrugada. Enquanto o professor e o Raia eram levados para o Hotel Imperial, fui à Delegacia de Polícia, onde solicitei que se expedisse, via rádio, alerta policial naquelas duas localidades, em especial para os médicos de lá, os clientes potenciais para aquele tipo de mercadoria.

As providências resultaram em rápido êxito policial. Conforme o previsto, o colega de Terra Roxa, doutor Pedro, foi procurado pelo ladrão com duas caixas inox, das grandes, do Centro Cirúrgico do H.C., com tudo gravado. Chamou a polícia. Antes das 10 horas, um carro da polícia nos entregava aquele material na sala dos médicos da Santa Casa.

Um detalhe: o larápio teria dito ao policial que roubara só de sacanagem contra aqueles dois perturbadores do sossego público no vagão dormitório..., fato confirmado pelo guarda do trem, que fora chamado de madrugada pelos usuários daquele vagão-dormitório. O professor Vasconcelos contava piadas e o Raia despencava em gargalhadas. Isso, das duas às três da madrugada! E parados no corredor, em frente ao seus camarotes. Psiu! Silênnncio! Vamos parar com isso! Cala a boca! E os dois ali, mestre e discípulo, fazendo-se de moucos, como nos bons tempos de molecagem universitária!

O silêncio foi restabelecido sob ameaça do guarda-trem botá-los para fora, na primeira estação... Foi nessa confusão que o malandro levou as caixas do camarote do Raia. Não demos queixa e ele foi libertado.

Terminadas as tireoidectomias, em caravana de dezessete médicos, levamos o professor para almoçar uma peixada em restaurante à beira do Rio Grande, em Fronteira, perto da



Cachoeira de Marimbondos. Distância de uns 60 quilômetros, em estrada vicinal serpenteante. Ele estava eufórico. Referindo-se ao acontecido no noturno, ele me disse:

— A culpa é do Raia. Não precisava rir tão alto das minhas anedotas...

Ele adorou o peixe-na-brasa, um filé de pintado, peixe de couro, suculento, e sem espinhos. Almoço de muito papo e risos. O majestoso Rio Grande, lá embaixo, corria caudaloso sobre o leito de quase 300 metros de largura, o espelho d'água eriçando-se em espumas e ondas das estapeadas subiterâneas do vento. Não teve espetáculo de dourado saltando fora d'água, instante mágico de inundar a retina de cintilâncias de ouro, do sol faiscando, uma fração de segundo, na cabeça do belo predador aquático. Em compensação, papagaios, maritacas e paturis, em bandos alvoraçados, cruzavam o espaço azul, jogando no ar as cores vivas das suas penas e bicos. E, contra o verdor da mata ciliar, a brancura da garça, solene em seu vôo rasante, como a se mirar, narcisicamente, no imenso e profundo espelho d'água.

Em meio a numerosos turis-

tas e pescadores, visitamos a Usina Hidroelétrica de Marimbondo - obra do engenheiro Armando Salles de Oliveira - a cachoeira das Andorinhas, o Ferrador - trecho de algumas centenas de metros em que o Rio Grande se estrangula entre paredões de pedra, reduz para uns 40 metros a sua largura de 300!, e por aí passa furioso e violento, de se escutar o seu rosnar de fera selvagem.

Sentado no chão, à sombra de uma árvore, o professor Vasconcelos pareceu ter-se esquecido da vida. Foi preciso muita insistência para tirá-lo daquela contemplação. Ele nos dizia: "Já vou", mas sequer fazia menção de se levantar. Estava magnetizado pelo Rio Grande e a sua paisagem.

Em velocidade imprudente, por curvas de chão de terra, levamos-os diretamente para a estação ferroviária, chegando em hora do primeiro apito. Um outro grupo passou pelo Hotel Imperial, a tempo apenas de entregar as caixas do HC e as malas, para o Raia, com a composição iniciando a partida. Com acenos de adeus, deles e nossos, aquele magnífico professor de cirurgia retornava à paulicéia, para a sua atribulada vida profissional, de médico e professor,

severo e quase seco. Aqui ele mostrou, inteiramente, o seu lado bem humano.

Entre as coisas contadas pelo professor Vasconcelos, nunca me esqueci do seu relato sobre outro luminar da Medicina pátria: o professor Alípio Correa Neto. Médico-voluntário da FEB, político militante e deputado pelo Partido Socialista Brasileiro, o professor Alípio gostava de um carteadado. E estava em Santos, no Cassino Atlântico, na noite de Carnaval quando aconteceu o atrito de Eduardo Matarazo com um delegado, em um clube do Guarujá, sendo baleado no tórax por este, fato amplamente noticiado na imprensa. Tratava-se de um dos filhos do conde Matarazo, uma das maiores potências industriais do País, em decadência após a sua morte.

O professor Alípio foi localizado no Cassino, inteirou-se do caso e não saiu correndo. Em vez disso, teria dito para avisarem-no quando as radiografias estivessem prontas!

Carnaval da época, anos 40, ainda tinha corso, desfile de foliões em carros abertos, nego encarapitado no paralamá dianteiro, guerrinha alegre de serpentinhas, confetes e lança-perfumes. O professor Vasconcelos estava nessa, pela avenida S.João. Foi parado por um guarda, aqueles de farda azul-marinho e botões dourados.

— O senhor é o professor Vasconcelos?... Pois o estão chamando em Santos, com urgência, pela rádio. O filho do Matarazo foi baleado!

Foi lá e salvou a vida de Eduardo. Que está gordão e vivo até hoje. E o professor arrematou:

— Ganhei 500 contos só porque o Alípio não largou o baralho na hora, o que irritou a família de milionários... O jogo, Suzuki, é um vício danado!

\* Matinas Suzuki já dirigiu "O Bisturi", é delegado do Cremosp, em Barretos, e presidente da Academia Barretense de Cultura.

# O Dia do Médico

\* Péricles Rocha

Quando desta data que sempre se renova para todos os colegas, óbvio que eu também me rejubile, com os meus cinquenta anos de Medicina. E há um lampejo, como posso atravessar os tempos, e tantos? São razões dessa biologia e com as graças de Deus.

Fui médico dos sertões da Bahia e de Minas Gerais, através de caminhadas difíceis sobre o lombo de alimária - do meu Dardanelo, bom de estrada e de passo, árdego, troteando por invios caminhos... Nos sertões, aquelas paragens às vezes preocupam porque os moradores andam sempre armados. De lá em busca de S. Paulo e aqui estou desde a época do fim da guerra. O Estado era a senda de médicos baianos.

Tenho cumprido a força do destino. Sou muito feliz no desempenho da clínica por essas plagas e com agradável convivência de colegas sempre com respeito mútuo. Juntei-me a quantos em Tupá, onde planejamos e construímos a Casa de S. Francisco de Assis. Meu lazer se condiciona no escrever sobre assuntos médicos. No entremêio, vou poetizando porque aprecio as musas, não sei se elas o fazem a mim...



A Medicina, teria dito Cícero: É ars honesta e eu acrescento - cordial... Para mim, Medicina é mais do que profissão, é uma instituição pelas suas raízes sócio-biológicas. O que me empolga é a transparência - esse impulso de penetrar nos seus segredos sempre desafiantes.

Sem méritos e sob humildade, tenho podido repensá-la humanisticamente. Sob o prisma de soli-

diedade coloquial com inúmeros colegas. Nunca hei suportado a pavoeira que blazona: "Eu sou o diagnóstico, por que ante seria mais razoável - eu creio na prognose, em seu conteúdo estão os acertos - e quem sabe até desacertos, mas fui-me na idéia de que tudo se deve fazer para evitá-los."

Volvo sempre aos ensinamentos dos pósteros como - entre

quantos e quantos - um Miguel Couto, um prof. Prado Valladares - egrégio na arteciência e nas letras; num Francisco de Castro e por extensão no filho emérito - o notável Aluysio de Castro.

A história na Arte nos traz a arguta experiência de sábios (não de sabidões)... A Medicina contemporânea é sumamente relevante nesse domínio cultural, progressista e técnico. Mas a senda a percorrer às vezes se macula com um débil coleguismo que se interpõe para anuiar a compreensão entre os que perlustam a cultura médica. O contágio da ética é salutar e necessário a fim de se evitar certos desbordamentos...

Não seria à toa relembrar Prado Valladares numa de suas aulas magníficas e num tom até seiscientista em desforra de um colega desatencioso. Disse o professor: "Eu que o vejo olhar-me de esguelha em apodose de antipatia visceral, o desairoso clínico..."

Volva-se sempre ao estuário hipocrático. O ajuste científico não se compatibiliza com o mau coleguismo. Aqui e no Dia do Médico o caminho superno é a sensata MODERAÇÃO.

\*Péricles Rocha é membro da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, de Bauru.

## A arte de doar é milenar

\* Aldemir Bilaqui

A medicina utiliza material humano de várias maneiras, mas é através da doação de órgãos para transplantes que obtemos uma espécie de novo e intenso parentesco. A vida não morre, continua. Nós nos ajudamos, ajudamos os outros e, desta forma, estamos ajudando a nós mesmos. Quanto mais doamos, mais obtemos. Praticando o recíproco altruísmo obedecemos a regra da bondade universal.

A vida é um evento natural e alegre. A morte também é um evento natural, mas triste. Poderíamos aliviar a tristeza doando órgãos. Sabemos ser difícil num momento de pesar a separação de pessoas queridas, mas é sempre uma sábia e bondosa decisão quando se opta pela doação de órgãos. A vida continua sempre fragmentada, pois quem doa vive numa ressurreição de amor em outra vida.

Tudo que nos cerca é uma sucessão de contrastes. E isso é válido não só de fora para dentro, como de dentro para fora. A pessoa é constituída por dois componentes indissolúveis e intangíveis: o corpo e a alma. O corpo é o exemplo da morte e da vida ao mesmo tempo: "Nasce, cresce, envelhece e extingue-se." A alma é eterna, possui a imortalidade concedida por Deus. A alma é o retrato visível de Deus.

Vida e morte, duas antípodas com matizes próprias e diferentes que se tocam nos contrastes da moderna cirurgia. Especificamente nos transplantes de órgãos. O desafio não tem limites. O horizonte está além do que se pode avistar. O desafio está em ousar e ousar é inovar. Assim, só inova quem transpõe. Alexis Carrel, Charles Guthrie e Vladimir Demikhov ousaram neste século. Perseguiram o impossível, conquistaram o absurdo: padronizaram o transplante do coração-pulmão, transplante renal e preservação de órgãos ex-vivo.

Mesmo antes que o conceito de morte tivesse migrado do coração para o cérebro, estes fantásticos cirurgiões ousaram. Agora que a morte migrou do coração-pulmão para o tronco cerebral (cabeça), as cirurgias de transplantes de órgãos experimentam uma nova era.

\* Aldemir Bilaqui é cirurgião pulmonar e chefe da equipe de transplantes de pulmão do Instituto de Moléstias Cardiovasculares (IMC).

## A importância da clínica privada no hospital universitário

\* Carlos Alberto Salvatore

A clientela indigente ou socializada dos hospitais escolas é atrativa para os médicos jovens, residentes e assistentes em fase de aprendizagem. Para os assistentes mais experientes e professores, apenas os casos mais raros, as grandes operações e os casos que estão sendo estudados e colecionados interessam.

Esta natural discriminação tem uma enorme vantagem na formação dos novos profissionais, porque justamente os predominantes casos comuns são aqueles que permitem ensinar os aprendizes por assistentes ainda em fase de aprendizagem e não por aqueles já possuidores de grande experiência e vivência profissional. É por isso que já a terceira e quarta gerações de assistentes não discutem as observações clínicas com as minúcias daqueles que possuem anos de experiência. É por isso que a técnica operatória não é mais a que ensina o professor e é por isso que a escola filosófica da especialidade e a técnica operatória com o passar das gerações se modifica e se perde.

Para corrigir tais distorções só existe uma possibilidade: toda a equipe docente (professor titular, associados e livres-docentes) deve discutir os casos comuns e complicados com os residentes e jovens as-

istentes; e operar não na presença de assistentes, para se exibir, mas com os residentes, ensinando-os e fazendo-os adquirir a técnica que identifica o "serviço" que o professor titular dirige.

O professor titular tem que exercer a profissão no Hospital Universitário e não ser apenas administrador, ou fazer só pesquisa ou, o que é pior, fazer política. Idem os professores associados ou adjuntos e livres-docentes. Entretanto, isto nem sempre é possível, como também não é possível aos seus assistentes experimentados, devido às múltiplas atividades de uma clínica universitária, pois não há disponibilidade de tempo.

Como remediar tal situação? Há somente uma diretriz. É a que se vê com frequência no U.S.A., onde na grande maioria dos centros universitários não existe indigentes, pois todos são clientes particulares. Aqueles que pagam pouco correspondem aos nossos indigentes ou socializados do Inamps, cujos pacientes são atendidos e tratados pelos residentes sob a orientação dos assistentes.

O Centro Médico Universitário com hospital destinado à internação de clientes particulares e edifício com consultórios para serem alugados a professores e assistentes oferece grandes vantagens à instituição médica. As vantagens do Centro Médico Universitário pos-

suir um hospital para clientes particulares são as seguintes:

- 1.º) Permanência do corpo docente durante todo o dia no Centro Médico Universitário e trabalho profissional apenas num local.
- 2.º) A internação de clientes particulares em Hospital Universitário oferece proventos econômicos para laboratórios, pessoal paramédico, médicos e pesquisa.
- 3.º) As "observações clínicas" dos clientes particulares podem ser feitas pelos residentes e servirem para estudos científicos.
- 4.º) O auxílio nas operações de clientes privados é feito pelos residentes dos últimos anos, que são pagos pela instituição porque estão em fase de aprendizagem. Portanto, não podem cobrar das clientes particulares. Estas pagariam apenas os honorários do seu médico, do anestesista e as despesas hospitalares.
- 5.º) A aprendizagem dos residentes com profissionais experimentados (professor titular, adjuntos, docentes-livres) que, obviamente, tratam suas clientes e realizam até pequenas e simples operações, é direta e não através de residentes de se-

gundo ou terceiro ano ou jovens assistentes.

- 6.º) Os residentes e anestesistas, atuando na clínica privada do corpo docente, seriam verdadeiros "fiscais" da orientação, conduta terapêutica e da técnica operatória dos assistentes. Assim poderiam auxiliar o professor titular a melhor orientar, corrigir e chamar atenção dos assistentes quando necessário, tendo em vista a manutenção de alto nível técnico, ético e profissional do corpo docente.

Como vemos, a presença da clínica privada num Centro Médico Universitário oferece grandes vantagens para manter o corpo docente na escola, para o ensino, aperfeiçoamento da arte médica e para a manutenção de alto padrão ético e profissional, reduzindo ao máximo os erros médicos. Além disso, haveria vantagens econômicas para os clientes e vantagens econômicas, conforto e sobra de tempo para os membros do corpo docente. Somente a clientela particular permite o ensino da verdadeira arte médica e exige a salutar "relação médico-paciente" e grande senso de responsabilidade.

\* Carlos Alberto Salvatore é professor emérito da Faculdade de Medicina da USP.

# Sedare dolorem opus divinum est

# Ex nunc

• J. J. Barros

Foi sob este lema que a leal Sociedade Da nossa ATM recém se fundou. Nasceu já gigante, e a bem da verdade, Nasceu já SOBRAD, nem térrea ficou...

Da minha experiência, que a prática aumenta, Do estudo, do ensino, bastante restou, Porém, nestes anos (são mais de quarenta), Ainda reluto - a cura é tão lenta... Me faço perguntas: "Meu Deus, onde estou?" Não acho respostas, que o tempo negou.

Do Éden legado, cruel maldição, Pecado inicial, que estamos pagando. De simples dentada em uma maçã, As dores do mundo se perpetuando. E o homem, de um anjo recebe a missão, As penas do Inferno, em vida, aturando.

As dores de dente, não há quem agüente, A dor da pulpíte, não há quem não grite. A dor do neuroma, a dor da neurite, E a dor referida, por todos temida, Que, quando sentida, a gente duvida. Algias diversas, traiçoeiras, perversas, E cujas origens não posso traçar. Brutal enxaqueca, que envolve, que aperta, Em volta do crânio, causando estupor. E salvas dispara, nos surtos de dor.

E das nevralgias a trigeminal, Com crises incríveis de dor bestial. E as dores contínuas do antro nasal. A da mialgia, que dói todo dia, Podendo ser ampla, difusa ou local, Que é deflagrada no "trigger" fatal. Assim nos ensina minha amiga Travell. A artropatia, que a dor irradia, Trabalho perfeito do mestre Turell.

A dor monstruosa, a dor desumana, A dor sem limites, que a todos irmana. É a dor dos tumores, desgraça mortal, Daquele que aguarda o momento final.

Fator estressante, maior sobrecarga. Pior resultante da dura, da amarga, Vivência moderna, que a todos estraga, E ao corpo transfere as doenças da mente. Fator emotivo, assaz deprimente, Nas dores presente, sem causa aparente, Que tantas angústias provoca ao doente. Circuito vicioso fechou de repente, A impulsos suicidas conduz muita gente. Quem dores padece, de nós tudo espera, E é nossa experiência, mil vezes frustrante, Se a dor lancinante, rebelde, não zera, E alívio não damos, nem mesmo, calmante, Ao pobre vivente que a sofre, excruciante, Sem outra atitude sabermos tomar, Inermes, suas queixas só resta escutar...

Ser sócio honorário da nova entidade, Não só me alimenta a humana vaidade. Exige que, juntos, com fé e caridade, Busquemos, clareados à luz da esperança, O nosso caminho. Quem espera alcança... Cansaço não temo. Quem crê, não se cansa!

Ilustres confrades, aqui, neste instante, Tão bem irmanados na busca incessante Da cura das dores do seu semelhante. Possamos, em data não muito distante, Num dia de festa, idêntica a esta, Missão já cumprida, orgulho sem par, Consciência tranqüila, a frase exclaimar: TAREFA DIVINA É A DOR DOMINAR...

\* Oração à Sociedade Brasileira de ATM e Dor Orofacial (Sobrad).

Carlos Roberto Hojaij

1. Nunca sou como ontem, nem sou como serei.
2. A reflexão é um movimento imanente levando à existência o risco da transformação.
3. Conheço, logo movo.
4. Pôr-do-sol ou ocaso-da-terra?
5. Se o centro do Universo está em cada ponto qualquer, por que sempre giro em torno de você?
6. A estabilidade mata.
7. Quem disse que o Universo é harmônico?
8. Quem disse que o Universo é a imagem do eterno?
9. A existência é indagada pela Filosofia: mistério. A vida é investigada pela Ciência: problema.
10. O Homem é não somente o que nos aparece, mas também o que, não aparecendo, se deixa transparecer no que aparece.
11. Pela palavra reconheço o Mundo; pela terminologia, dele me afastou.
12. Despertei já no mundo, ignorante do ontem. Só me resta hoje buscar o amanhã.
13. Se houvesse Uma verdade, o Homem nem teria existido. Pra quê?
14. A Autoridade pode roubar a verdade de cada vida. A Exceção pode destruir a verdade comum. Existir é um majestoso ato de equilíbrio.
15. Cada segundo é uma novidade.
16. Minha morte é a minha possibilidade mais pessoal.
17. A consciência da morte preenche o presente com o sentido do eterno.
18. A linguagem da imaginação toca a realidade fugidia a qualquer investigação.
19. Equívoco existencial: considerar realidade o produto da fé.
20. O esclarecimento da realidade é um movimento interminável que apenas concede certeza inquietante, verdade transitória.
21. Fracasso da existência: depositar-se em uma única verdade.
22. Nietzscheana: A existência de Deus é a morte do Homem.
23. Quanto mais a Ciência avança, mais a Natureza deixa de ser vida, passa a ser entendida em fórmulas matemáticas: a existência se defronta com mais aparências.
24. Se o que sei de mim se torna Teoria, perco-me como Homem.
25. Quantos mundos ainda não existem porque simplesmente o Homem não lhes concedeu a sua presença?
26. Provocação: O infinito existe enquanto o Homem não atingi-lo
27. Paideia: Para que me quero senão para não mais sendo chegar a ser o que sou?
28. De meu então pequeno filho: "Quando a gente morre a luz apaga?"
29. Há 500 anos o Universo é infinito. E daqui a 100 anos?
30. Crime contra a Humanidade: Quantos milênios de desenvolvimento se perderam nos mosteiros medievais?
31. A tranqüilidade me intriga.
32. Condição humana: Nego-me a ser igual.
33. A verdade verdadeira contenta-se com a transitoriedade da paixão.
34. Crime ontológico da Psicanálise: O Homem se torna o que a Teoria concebe e concede.
35. Aviso aos analistas: O Homem é um barco navegando sempre no horizonte.
36. Pergunte a Édipo: De quantas encruzilhadas é feita uma existência?
37. Religião é ensinada às criancinhas porque os jovens não são mais inocentes: doutrina-se a quem se pode.
38. Simpatia permite comunicação; fé obriga doutrinação. Simpatia congrega; fé segregava.
39. Schopenhaueriana: A Razão é a mais vagabunda de todas as mulheres: cada dia anda com um.
40. Liberdade, livrai-nos do Sísifo nosso de cada dia.

# Irmã Dulce, da Bahia

Renato Bêez

- 1) Uma notícia enlutou nossa terra brasileira: morre a Freira, que lutou como valente guerreira.
- 2) No Brasil se comentou o intenso labor da Freira que, sem meios, sustentou uma cruzada altaneira.
- 3) Ela vem sempre ao encontro dos que precisam de ajuda e, confortando-os, de pronto, na miséria mais aguda.
- 4) Da Freira Dulce os carentes tiveram brandos cuidados, jovens e velhos doentes, menores abandonados.
- 5) Tinha fama mundial a Freira da Caridade que, na luta sem igual, viveu com tanta humildade.
- 6) Animando nosso povo no sofrimento cruciante, consegui dar sangue novo à nossa fé vacilante.
- 7) Sua morte comoveu a muito coração nobre tanto cristão quanto ateu, tanto o rico quanto o pobre.
- 8) A nossa estimada Freira entregou su'alma a Deus na tarde de sexta-feira, cercada dos filhos seus.
- 9) Está de luto a cidade pela perda irreparável da Freira da Caridade que, em Salvador, foi notável.

- 10) Quem só praticou o Bem em favor do semelhante, lá na Milícia do Além faz prece eterna e constante.
- 11) Adeus, ó Serva de Deus, Irmã Dulce da Bahia; receba dos filhos seus as preces de cada dia.
- 12) Quanta falta vai fazer aos irmãos necessitados, que, sem a quem recorrer ficaram desamparados.
- 13) A dor da separação da Freira, que o Brasil preza, atinge inteira a Nação que por ela chora e reza.
- 14) É consolo pra o baiano invocar seu santo nome, pra acudir no desengano, na miséria, dor e fome.
- 15) Chega a vez da gratidão dos que foram amparados pelo grande coração da Irmã dos necessitados.
- 16) Deus dará força e coragem a quem prosseguir com fé a tarefa dessa imagem, que sempre esteve de pé.
- 17) Santa Dulce da Bahia, continue a proteger seu povo que inda confia no que ela pode fazer.
- 18) Não só do povo baiano o pedido se levanta: que declare o Vaticano a nossa Irmãzinha SANTA!

# A serpente, símbolo da Medicina

Coluna do livro

\* Cladstone F. Machado

A Medicina, através dos tempos, adotou vários símbolos. Assim, a cobra, a coruja, o bisturi (cirurgiões, anatomistas) e, na era moderna, mais recentemente, o estetoscópio. Este, uma genial invenção do médico francês Laennec (1771 - 1826), notável clínico, cujo nome é associado ao estudo de várias doenças (cirrose hepática, moléstias pulmonares), e que desenvolveu sobremaneira a semiologia médica.

Sobre a coruja, que representa a prudência, a paciência, o ilustre professor de Medicina e historiador, Carlos da Silva Lacaz, publicou interessante artigo. A cobra é o símbolo mais antigo. Desde as civilizações mais remotas da antiguidade histórica, a serpente é associada com a arte de tratar e curar doenças.

Naquela época, a incipiente Medicina estava ligada a forças sobrenaturais, mágicas, práticas e rituais de conteúdo místico e religioso, com variado e complexo simbolismo. Com o advento do progresso científico, influen-

ciando a concepção e prática da Medicina atual, muitos daqueles símbolos e rituais permaneceram, como é o caso, por exemplo, da serpente e do juramento de Hipócrates, este se iniciando com a invocação dos deuses da mitologia greco-romana.

A serpente aparece representada na figura de Asclépio, o deus grego da Medicina (Esculápio na mitologia romana), enroscada em seu bastão, conforme podemos observar

**"Desde as civilizações mais remotas da antiguidade histórica, a serpente é associada com a arte de tratar e curar doenças"**

na clássica escultura de mármore, em Epidauro, hoje no museu nacional de Atenas. O santuário de Epidauro era importante centro médico da época, o chamado Asclepion, já no século V AC, ao lado de outros, em Kós, Corinto, Atenas, onde iam os doentes, submetendo-se aos rituais da cura.

Referências à serpente como símbolo da Medicina, encontramos nós em

civilizações mais antigas que a grega. Na minóica, hindu, egípcia, chinesa (recorde-se a figura da dupla cobra e a roda solar) e nos povos da Mesopotâmia, notadamente os assírios. Nesse povo, de guerreiros indômitos, já em 2 500 AC, vamos encontrar referências à serpente, considerada como símbolo da arte de curar, já que ela se despia de sua pele, se rejuvenescia, pois possuía a erva da vida, conforme a lenda do herói mitológico

contorcendo junto ao deus da cura, chamado Ningish-zidú, e que devia servir para os cultos e rituais religiosos).

Muitos entendem que a figura da cobra se identifica com o próprio deus Asclépio, cujo nome no grego arcaico é Asklapas que designa também serpente (R. Struckmann). Por todas essas referências das antigas civilizações, associando a serpente à Medicina, por tradição, continua sendo mantida como um de seus símbolos. (No conceito freudiano, o bastão e a cobra são símbolos fálicos).

Portanto, a serpente, de poder misterioso, demonstrando força e vitalidade, com seus movimentos coealantes e rápidos, apesar de não possuir membros, notadamente por sua característica de mudar de "pele", rejuvenescendo, lembra o organismo doente que se recupera, se recompõe, tornando-se outra vez saudável, por interferência do médico, através de sua arte e ciência, a Medicina.

\* Gladstone F. Machado é especialista em Cirurgia Torácica e beltrista.

## Medicina e religião

\* Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Houve uma época em que o Estado confundia-se com religião e todos os súditos de um príncipe ficavam obrigados a ter a religião do dito cujo, acreditasse ou não nos seus predicados. Os resultados foram muito ruins e, a propósito, lembramos que a Inquisição, as fogueiras, onde hereges eram queimados ou punições por delitos de opinião acabaram gerando uma revolta anti-religiosa, encarnada na época pré-revolução francesa, por Voltaire.

Uma das grandes conquistas dessa sublevação, aliás, foi definitivamente separar religião de Estado e tal condição estendeu-se, lenta mas seguramente, a todas as nações modernas. Apesar de parecer inconcebível que se legisse sobre crença ou que se submetesse o poder temporal ao império, ou vice-versa, em tempos muito recentes isso existiu e em alguns países ainda prevalece; não basta

lembrar os exemplos do nazismo e do fascismo, pois hoje, em determinados lugares, ainda não há liberdade de fé espiritual.

Também sucederam, em épocas passadas, misturas incestuosas de religião com Medicina, de forma até compreensível, porque sendo a doença um dos terrores do homem, não é inteligível que se apele a poderes superiores para preveni-la ou curá-la. Uma das preces mais utilizadas na Idade Média pedia proteção contra as três desgraças mais comuns naquela época: os bárbaros, a fome e a peste. Infelizmente, a reza parece não ter sido bem-sucedida em nenhum dos casos.

À medida que a era moderna vem-se estabelecendo, com progressos através de penosos altos e baixos, a Medicina fica com seu campo bem definido, ou seja, restrito. Não se afirmam comuns médicos doutrinando acerca de assuntos religiosos, quando agem profissionalmente;

como cidadãos, todavia, possuem o direito, agindo como quaisquer outros, de envolverem-se nesse âmbito. Lamentavelmente, a recíproca não é verdadeira e muitos inspirados líderes vão além do que parece razoável e dão palpites não só em apelos ao Senhor quanto às curas, mas até a respeito dos tipos de tratamento médicos que julgam religiosamente adequados. Algumas religiões, vale lembrar, são contra transfusões de sangue ou modalidades de medicações, sem que os argumentos sejam lógicos, e nem poderiam sê-lo, já que os arrojados devotos não precisam seguir raciocínios racionais.

Nesse contexto, comparece como reiterado percalço o comportamento de Testemunhas de Jeová, que optam por índole suicida, restringendo o nobre designio da boa assistência médica.

Sugerimos àqueles que lidam com religião que se

agarrem à própria e nós, como médicos, prometemos não sair por aí pregando ou doutrinando. Mal comparando, é como aquela história famosa dos bancos, que não vendem abacate e dos fruteiros que se comprometem a não efetuar transações bancárias. Além disso, um antigo provérbio romano salientava que cada um deve atear-se a seu campo de conhecimento; opinar sobre tudo é válido, respeitando os limites aos quais o indivíduo está ligado.

\* Vicente Amato Neto é superintendente do Hospital das Clínicas de São Paulo, chefe do Departamento de Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina da USP e diretor do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo.

\* Jacyr Pasternak, infectologista, é chefe do gabinete da superintendência do Hospital das Clínicas e membro do grupo de transplante de medula óssea do Hospital Albert Einstein.

Sob a coordenação de Táci Athanássios Cordás, a Editora Maltense lançou o livro *Psiquiatria sem Preconceitos* (um guia de Psiquiatria para quem, de médico e de louco, sempre tem um pouco). A obra trata de questões psiquiátricas e psicológicas para leitores não especializados, isto é, o livro informa o público em geral, pacientes e seus familiares, sobre as doenças e perturbações mentais mais freqüentes, tais como neuroses, síndrome do pânico, insônia, depressão etc. Escrito em linguagem clara e adequada, o seu conteúdo revela a boa formação de que são dotados os vários colaboradores, ao todo nove, entre psicólogos e psiquiatras. Os capítulos são interessantes, como, por exemplo, o nono, que trata das psicoterapias, quando o paciente deve submeter-se e por quê. Após explicações objetivas, distingue os diferentes tipos de psicoterapia, dando um breve e esclarecedor apêndice sobre cada uma. Psicoterapia em grupo, de casal, familiar, breve, de apoio etc., são apontadas ao leitor que doravante, com o lançamento deste livro, poderá familiarizar-se com a especialidade que lida com os fenômenos psíquicos. Os autores propõem-se a oferecer ao leitor informações claras sobre temas complexos.

...

Euler Buzá Faro lançou o livro *O Ditador dos Emboabas*. O autor é médico, poeta, ensaísta e romancista. Ocupa a cadeira n.º 6 da Academia Jundiense de Letras. Publicou os livros "Morro Velho", "Seara de Sonhos", "Alma e Coração/As Mães", "Buriti, a Cidadela" e agora nos oferece mais esse trabalho, romaneando um dos episódios mais marcantes da história do Brasil Colonial. Euler foi, ainda, o coordenador da obra poética de seu pai, Domingos Faro.

...

O eminente poeta Juarez de Oliveira brinda-nos com mais uma excelente obra: *Retratos de Minas*, Editora Caminhos da Literatura. A pena do autor está entre as que mais sentimento, ritmo e conteúdo oferece às letras nacionais. Puro, genuíno, existencialista e sensível, vai o autor descrevendo vivências e fatos da vida cotidiana... e por trás, "a fina melancolia dos seus versos, que não deprime, pelo contrário, é uma mensagem de esperança" (nas palavras de Evaristo de Moraes Filho). O autor, além de grande e importante poeta brasileiro e destacado membro de vários institutos e academias culturais, é advogado em São Paulo.

...

No mês de setembro passado, o Museu Histórico da Faculdade de Medicina da USP realizou sessão solene em homenagem a vários mestres da Medicina pátria, cuja solenidade foi dirigida pelo insigne professor Carlos da Silva Lacaz.

...

A Academia Paulista de História lançou o terceiro número de sua Revista, dedicando-a à Guerra Cívica de 1932. A publicação desse número somente foi possível graças à incansável dedicação do presidente da entidade, o médico e historiador Duílio Crispim Farina. Dentre os artigos publicados há um que ficará como uma das páginas mais importantes dos épicos dias de 1932: "Cunha na Memória de um Soldado do Batalhão da Liga de Defesa Paulista", de Alfredo Ellis Junior.

G.A.P.